

Maria do Carmo adota algumas práticas agroecológicas na propriedade, entre elas estão o uso de defensivos naturais à base de pimenta e nim; o adubo é preparado com o esterco de animais, matéria orgânica e cinzas, que inclusive é feito de um ano para o outro; e também são produzidas as mudas de frutíferas e plantas nativas como jatobá, marmeleiro e leucena. “Quando participo dos eventos sempre trago sementes. O objetivo dessas mudas é trocar, fazer doação, mas gosto mesmo é de presentear”, comenta, com orgulho, a agricultora, e acrescenta que pretende fazer o reflorestamento de parte de sua propriedade.

Maria do Carmo também comercializa produtos para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A venda é limitada e feita somente por um determinado período, então ela sabe a quantidade necessária de alimentos para entregar ao PAA e ofertar semanalmente na Feira Agroecológica de Araripina.

“Se há 23 anos eu vivenciasse a realidade atual, talvez não tivesse escolhido ser professora, pois eu amo a agricultura familiar. Hoje, depois de muito trabalho, umas das minhas grandes conquistas foi conseguir ver meus dois filhos Marcelo, de 30 anos, e Manoel, de 20 anos, formados por meio da renda da agricultura. Não foi fácil, mas conseguimos”, finaliza Maria do Carmo.



A diversidade do quintal produtivo foi ampliada após a conquista da cisterna-calçadão



Como umas das fundadoras, Maria do Carmo participa há 12 anos da Feira Agroecológica de Araripina



Por ser referência em agroecologia, a experiência da agricultora sempre é disseminada



Ao valorizar troca de conhecimentos, agricultora sempre recebe intercâmbios em sua propriedade

Protagonismo feminino na agricultura familiar de base agroecológica



Nascida em Araripina, Sertão do Araripe, a agricultora Maria do Carmo Alencar não foi diferente de muitas famílias do Semiárido brasileiro e aos 6 anos, ela saiu de sua terra natal junto com os seus pais para tentar uma vida melhor no Paraná. Chegando lá, seu pai Raimundo Rodrigues de Oliveira trabalhou nas lavouras de cafezais, mas em 1974, após uma geada destruir boa parte da plantação de café, a família teve que voltar para o Araripe pernambucano para recomeçar uma vida deixada para trás.

Após 6 anos morando em Araripina, aos 21 anos, Maria do Carmo casou-se com Martinho Alves da Silva e foi quando o casal comprou uma propriedade na comunidade Serra da Torre. Segundo Maria do Carmo, a propriedade naquela época, em 1985, tinha somente um pé de manga e outro de laranja. “Naquele período, praticávamos muitas queimadas e usávamos muito veneno. Eu não fazia ideia do que significava agroecologia”, relembra Maria.

Já sensibilizada para realização de trabalhos coletivos, a comunidade se organizou em mutirão e construiu uma capela. Em 1994, com o objetivo de fortalecer a organização social comunitária e solucionar os problemas decorrentes da estiagem na região, Maria do Carmo participou da fundação da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Serra da Torre.

Naquela época, só se plantava feijão, milho e andu para o consumo próprio, mas a produção principal era a de mandioca. “Hoje sabemos que podemos sobreviver de outras fontes, mas só se valorizavam aquelas culturas”, afirma a agricultora. Para complementar a renda e ajudar a manter a educação dos filhos, dona Maria do Carmo seguiu a carreira de professora e trabalha numa escola rural da comunidade.



Maria do Carmo prepara o composto orgânico de um ano para o outro misturando matérias orgânicas, esterco de animais e cinzas



A agricultora produz mudas de plantas frutíferas, nativas, ornamentais e medicinais, ela também presenteia outros/as agricultores/as com as mudas

Após viver muitos anos praticando a agricultura familiar convencional, Maria apostou nos benefícios e vantagens da agroecologia. Dessa forma, em 2004 sua propriedade ingressou no estágio de transição agroecológica. “De lá pra cá posso considerar que virei outra página da mesma história. Logo quando a gente começou a participar de intercâmbios, cursos e palestras sobre produção agroecológica, aprendemos a guardar polpas, doces, e uma série de outras coisas”, revela Maria do Carmo.

“ Logo quando a gente começou a participar de intercâmbios, cursos e palestras sobre produção agroecológica, aprendemos a guardar polpas, doces, e uma série de outras coisas (Maria do Carmo) ”

Naquela época, o desejo de comercializar o excedente da produção tornava-se uma realidade entre os agricultores e as agricultoras familiares. Isso era um caminho para quem não queria continuar vendendo alimentos aos atravessadores da região e aproveitar a oportunidade de desenvolver a economia solidária, valorizando os produtos da agricultura familiar e favorecendo o desenvolvimento socioeconômico das comunidades rurais.

Nesse mesmo ano foi criada a Feira Agroecológica de Araripina. Nesse processo foi fundamental o trabalho de assessoria técnica realizado pelo Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe (Chapada) e também os aprendizados adquiridos sobre empreendedorismo familiar, através do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Os cursos e atividades serviram para qualificar os/as feirantes no atendimento à clientela.